

## Aspectos da noção de fracasso na recepção da cena performativa urbana

Cecília Lauritzen Jácome Campos

A comunicação discute possibilidades de leitura acerca da noção de fracasso, inicialmente acessada a partir dos estudos da professora e pesquisadora Sara Jane Bailes (2011). Entende-se o fracasso a partir de três ângulos: tema, processo e relação. Tais ângulos de visão sobre o conceito permitem dar corpo ao questionamento sobre a recepção da cena performativa contemporânea, em especial aquela que se constitui com o espaço urbano. Pensar sobre o fracasso como condutor de uma ética que rege práticas artísticas se configura como um ato precioso a ser disseminado entre grupos e artistas das mais variadas vertentes. No entanto, problematizá-lo também se faz necessário visto que os modos de apropriação desta poética podem conduzir a dois perigos, tanto a uma artificialidade quanto a uma aleatoriedade.

**Palavras-chave:** Poder. Fracasso. Recepção. Teatro performativo. Espaço urbano.

The paper discusses possibilities of reading about the notion of failure, initially accessed from the studies teacher and researcher Sara Jane Bailes (2011). Means the failure from three angles: theme, process and relation. Such viewing angles on the concept allow the questioning of reception of contemporary performative scene, especially that one which is made with the urban space. Think about failure as conductor of an ethics governing artistic practices is configured as a precious act to be disseminated among groups and artists from various aspects. However, problematize it is also necessary as the appropriation of this poetic modes can lead to two dangers, both to an artificiality about a randomness.

Keywords: Failure. Reception. Performative Theatre. Urban Space.

Cecília Lauritzen Jácome Campos

Atriz e performer.

Doutoranda em Teatro;

Bolsista CAPES – FAPESC;

Professor Orientador:

Flávio Desgranges.

Aspects of the failure of the concept at the reception of urban performative scene.  
Cecília Lauritzen Jácome Campos

<sup>1</sup> Segundo Bailes (2011), o fracasso implica em visões resistentes, ou seja, aquelas que tropeçam e estagnam, e em visões generativas, que produzem a partir do tropeço, esta última é a visão que abordo neste trabalho.

<sup>2</sup> “The discourse of failure as reflected in western art and literature seems to counter the very ideas of progress and victory that simultaneously dominate historical narratives. It undermines the perceived stability of mainstream capitalist ideology’s preferred aspiration to achieve, succeed, or win, and the accumulation of material wealth as proof and effect arranged by those aims” (BAILES, 2011, p. 2).

<sup>3</sup> “[...] the cultural dominance of instrumental rationality and the fictions of continuity that bind the way we imagine and manufacture the world. Yet increasingly a discourse of failure in art practice has mapped a vibrant counter-cultural space of alternative and often critical articulation, in which conventional standards of virtuosity are challenged and methods of practice scrutinized and re-worked” (BAILES, 2011, p. 2).

Esta comunicação representa fragmentos da investigação desenvolvida como parte da pesquisa de doutorado intitulada “Interseções entre fracasso e eficácia no teatro performativo contemporâneo: um estudo sobre o espectador e suas relações na cidade”, atualmente em fase de revisão bibliográfica. Portanto, as ideias aqui expostas representam reflexões em andamento, contaminadas pelas práticas da pesquisadora, espectadora e performer em questão.

A ideia de trabalhar com o fracasso parte de perspectivas que o aceitam, o afirmam e o evidenciam. O ato de aceitar surge como uma conscientização de que na realidade o fracasso faz parte da vida, dos seus fluxos e do cotidiano de cada indivíduo. Nesse sentido, ao invés de recusá-lo como parte integrante e “natural” das dinâmicas, proponho uma visão que o aceita<sup>1</sup>. Já o ato de afirmar vai de encontro às negações diárias das situações de fracasso, ou seja, àquelas tentativas de se basear, criar expectativa e acreditar, a todo custo, de que o sucesso é o único caminho. Por último, o ato de evidenciar trata-se de uma reiteração do último, ou seja, uma reafirmação, uma exposição e explicitação dessa tomada de atitude.

O discurso da falha que se reflete na arte ocidental e literatura parece contrariar as idéias de progresso e vitória que simultaneamente dominam as narrativas históricas. Põe em causa a

aspiração de estabilidade incentivada pela ideologia capitalista dominante de alcançar, conseguir, ou ganhar, e da acumulação de riqueza material como prova e efeito organizadas por esses objetivos<sup>2</sup>. Tradução minha.

Tais discursos em prol de outros olhares sobre o fracasso na sociedade concretizam-se, sobretudo, num ato maior que é um ato político diante das promessas de realização constante as quais o sistema estimula e gera expectativa. Ao abordar as manifestações cênicas contemporâneas, é preciso resgatar a ideia de que o status da arte, principalmente a partir das vanguardas históricas do século XX, foi transformado deslocando-a do seu valor única e exclusivamente ligado à noção de produto e passou a considerar igualmente seu processo. A partir do entendimento da arte como processo relacional e contínuo, o discurso do fracasso ganhou certo destaque, porque ampliou o escopo da produção de sentido da obra de arte, contemplando outras instâncias, para além do acontecimento presencial. Nesse sentido, o fracasso surge como elemento desafiador.

[...] do domínio cultural da racionalidade instrumental e as ficções de continuidade que se ligam à maneira que imaginamos e fabricamos o mundo. No entanto, cada vez mais o discurso da falha na prática artística tem mapeado um espaço vibrante da contra-cultura alternativa e muitas vezes de articulação crítica, em que as normas convencionais de virtuosismo são desafiadas e os métodos da prática analisados e re-trabalhados<sup>3</sup>. Tradução minha.

Pensar sobre o fracasso como condutor de uma ética que rege práticas artísticas muito mais no sentido de ampliar suas possibilidades do que restringi-las se configura como um ato precioso a ser disseminado entre grupos e artistas das mais variadas vertentes.

No entanto, problematizá-lo também se faz necessário visto que os modos de apropriação desta poética podem conduzir a dois perigos, tanto a uma artificialidade quanto a uma aleatoriedade. No primeiro caso tenta-se repetir a situação que provavelmente levou à falha, no entanto, o efeito é artificial, porque mostra além da manipulação o efeito de inapropriação ou descontrole quanto ao “acidente”. No segundo caso pode-se notar uma certa intenção tipo *laissez faire*, onde a falha fica a cargo do acaso e possibilidade de repetição é anulada, deixando assim o rigor do trabalho em segundo plano, podendo cair em certa aleatoriedade.

Diante das múltiplas formas de compreensão e interpretação da noção de fracasso, opto pensa-lo a partir de três ângulos distintos, porém não excludentes.

## Fracasso como tema

Esta primeira acepção do conceito o encara a partir dos temas que desperta e engloba. As experiências do Coletivo Mapas e Hipertextos nas ações denominadas “Rainhas LatrinoAmericanas” (2014) e “Sem Cabimento” (2015), a

peça da Cia. Rústica chamada “Clube do Fracasso” (2010), bem como as peças do dramaturgo Samuel Beckett são alguns dos exemplos que reafirmam tal visão sobre este conceito.

Mais do que pensar sobre temas que evidenciam situações de fracasso, uma das tarefas desta discussão é refletir acerca do fracasso como tema, partindo da afirmativa de que todos os holofotes da sociedade contemporânea estão movidos em torno do sucesso como prerrogativa.



Eu que o fracasso como tema provoca em termos de recepção? No caso do Mapas e Hipertextos, a ação das rainhas de tentar manter-se de pé, mesmo com todas as coordenadas para dificultar, gera no espectador, com frequência, o riso. O cômico, nesse sentido, torna-se uma armadilha de fácil acesso, já que

Cia Rústica  
Clube do Fracasso, 2010  
Fonte: site da Companhia

mascara a situação por si e leva ao risco por que, provavelmente, não convenceu ou por que amenizou o fracasso da situação, evidenciando apenas a sua representação.

## Fracasso como processo

Aqui me refiro, em específico, ao processo artístico individual e coletivo junto ao Coletivo Mapas e Hipertextos, do qual faço parte desde abril de 2014, ano de ingresso no curso de Doutorado em Teatro. O fracasso como processo contempla dois âmbitos distintos, porém que não existem separados, tais sejam: o âmbito individual e o coletivo. Aqui o fracasso é exposto principalmente em relação às dificuldades de lidar com o outro, ou seja, com um grupo de nove integrantes e com o **meu** outro, ou seja, comigo mesma em processo de criação coletivo.

Nesse sentido, o conceito de grupalidade, abordado por Pelbart (2008) é pertinente para a discussão em questão. Para o autor, a coletividade não resulta da soma das divergências dos participantes de um coletivo, por exemplo, mas de uma unidade obtida através das suas individualidades, que se reúnem em torno de um mesmo ideal. Seguindo este raciocínio, Pelbart (2008, p. 36) reflete sobre as questões que envolvem a grupali-

de, desde o entendimento do indivíduo até o desejo de buscar o outro, e questiona-se.

como então pensar a comunidade, ou o grupo, ou um coletivo, não segundo o modelo da fusão, da homogeneidade, da identidade consigo mesmo, mas da heterogeneidade, da pluralidade, do jogo, até mesmo das distâncias reinventadas no seu interior?

Pensar sobre este “como” é justamente buscar compreender os desafios que a prática de produzir em grupo implica. Tal modo de trabalho, norteado por ideais de coletividade e grupalidade, tem em seu cerne a **formação**, ou seja, o cotidiano grupal é formador por natureza, pois constitui o indivíduo a partir do contato com o outro, com a diferença, na medida em que lhe proporciona experimentar diferentes modos de conviver socialmente, de cooperar. E essa convivência cooperativa baseia-se fundamentalmente na coexistência em lugar do consenso, cujo ideal reside mais na construção com o outro do que na aceitação do outro como um todo. Para Bailes (2011, p. XX), “há pedagogia no fracasso - aprendemos por engano, por acidente, e por fazer as coisas erradas”<sup>4</sup>.

## Fracasso em/da relação

O terceiro ângulo de visão enxerga o fracasso em relação ao momento da recepção, com foco no teatro perfor-

<sup>4</sup> There's pedagogy in failure – we learn by mistake, by accident, and by getting things wrong” (BAILES, 2011, p. XX). Tradução minha.

mativo realizado em espaços públicos da cidade. O intuito desta discussão é verificar modos variados de percepção do ato performativo, ou seja, daquele que não assume como premissa a ação centrada na mensagem, tomando como base o discurso, seja ele falado ou não, do espectador adverso ou não especializado. Ao pensar tais modos variados de percepção, a partir dos discursos não especializados, pretendo detectar e analisar como as instâncias de fracasso na recepção foram conduzidas, modeladas e reintegradas às dinâmicas do espaço e aos fluxos dos indivíduos.

Mas o que pode querer dizer o fracasso na relação obra de arte – espectador? Posso dizer que os artistas, as iniciativas e as ideias que não foram legitimadas, por alguém ou pela sociedade como um todo, fracassaram? Bailes (2011)

propõe ir além da ideia de fracasso como insucesso na compreensão de uma obra. Para a autora, referindo-se às obras de Beckett,

[...] se a pessoa descobre sentido nessas palavras (e parece que muitos o fazem), então a falha pode ser entendida não simplesmente como o juízo valorativo de um resultado - a sua "decepção" -, mas sim como uma característica constitutiva da condição existencial que faz a expressão possível mesmo se ela é restringida<sup>5</sup>. Tradução minha.

Pensar sob a perspectiva sugerida por Bailes confere outro olhar sobre a recepção da obra de arte, além disso, seu caminho reflexivo aponta novos horizontes para a discussão em questão, tratando-se de ações artísticas que habitam o campo do teatro performativo. Compreender que o "in-

<sup>5</sup>"If one discovers sense in these words (and it seems many do) then failure can be understood not simply as the evaluative judgment of an outcome – its 'disappointment' – but rather as a constituent feature of the existential condition that makes expression possible even as it forecloses it" (BAILES, 2011, p. 1).



Coletivo Mapas e Hipertextos  
Sem Cabimento, 2015  
Fonte: site do Coletivo

compreensível” faz parte da condição existencial e que nessa condição ele pode ser produtivo e expressivo é essencial para pensar a recepção não especializada, visto que aquilo que não se compreende não precisa ser, necessariamente, visto como insucesso por parte dos artistas nem do público.

Desde os fins do século XIX a prática artística, não apenas cênica, mas também visual e performativa, vem se permitindo envolver de forma contaminada com as questões da degradação da forma e com o questionamento dos princípios estéticos. Os artistas chamados ‘experimentais’ puderam,

durante a década de sessenta, se debruçar sobre as mudanças relativas ao acordo entre artista e espectador. Diante de tais reconfigurações, o ato artístico passou a alcançar instâncias de significado que foram além dos modos interpretativos da dramaturgia e da direção. Nesse sentido, conforme Lehmann (2006 apud BAILES, 2011, p. 3), “o teatro que é ‘pós-dramático’ redefine as bases estruturais e conceituais que ambos constituem e emolduram o evento teatral; isto por sua vez influencia a recepção da obra<sup>6</sup>”. É sobre essas influências que se concentra esta discussão.

<sup>6</sup> “[...] theatre that is ‘postdramatic’ redefines the structural and conceptual underpinnings that both constitute and frame the theatre event; this in turn influences the reception of the work”. Tradução minha.

## Referências

- BAILES, Sara Jane. Performance theatre and the poetics of failure: Forced Entertainment, Goat Island, Elevator Repair Service. Nova York: Routledge, 2011.
- LEHMANN, Hans-Thies. Postdramatic Theatre. Tradução e introdução: Karen Jüers-Munby. Londres, Nova York: Routledge, 2006.
- PELBART, Peter Pál. Elementos para uma cartografia da grupalidade. In: SAADI, Fátima; GARCIA, Silvana. Próximo Ato: questões da teatralidade contemporânea. São Paulo: Itáu Cultural, 2008. p. 32-37. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br/bcodemidias/001081.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2014.
- MAPAS E HIPERTEXTOS, Coletivo. Blog. Disponível em: <<https://mapasehipertextos.wordpress.com/>>.
- RÚSTICA, Cia. Site. Disponível em: <http://ciarustica.com/>.